

É puxar o ar que não vem porque o que vêm são utopias – Notas sobre a respiração em tempos de pandemia da COVID-19

Viviane Melo de Mendonça*

Resumo.

Vivemos em tempo de sufocamento. E isto não é uma metáfora. O sufocamento social, econômico e político tem seu paralelo no corpo vivido e psíquico. Os efeitos em nossos corpos e em nossa sociedade da COVID-19 trazem o tema da respiração em sua urgência. Em específico, a respiração como um tema de estudos para as ciências humanas e sociais e, particularmente, para os estudos da condição humana. Este ensaio pretendeu compreender a respiração em seu conteúdo político, tendo a pandemia de COVID-19 como cena de análise. Discorreu sobre o contexto contemporâneo e, em seguida, teceu mapas, rotas e trilhas para saídas propriamente afetivo-políticas e comunitárias da tese de que respirar é um ato político.

Palavras-chave.

Respiração, COVID-19, Neoliberalismo, Pandemia, Condição Humana.

Abstract.

We live in a time of suffocation. This is not a metaphor. Social, economic and political suffocation has its parallel in the lived and psychic body. The effects on our bodies and our society of COVID-19 bring the theme of breathing in its urgency. In particular, breathing as a subject of studies for the human and social sciences and, particularly, for studies of the human condition. This essay intended to understand breathing in its political content, taking the COVID-19 pandemic as the scene of analysis. Discussed the contemporary context and then wove maps, routes and trails for properly affective-political and community issues of the thesis that breathing is a political act.

Keywords.

Breathing, COVID-19, Neoliberalism, Pandemic, Human Condition.

* Professora Associada do Departamento de Ciências Humanas e Educação, coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades (NEGDS) e credenciada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) e Pós-graduação em Educação (PPGED) da [UFSCar-Sorocaba](http://ufscar.br). Psicóloga e Doutora em Educação. E-mail: viviane@ufscar.br



“Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”

Conceição Evaristo.

“Quem faz um poema salva um afogado”

Mário Quintana

“Linguagem é um vírus do espaço sideral”

William S. Burroughs

1.

2020. É manhã de sábado de outono na América Latina, na cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, Brasil. Um silêncio invade a varanda do meu apartamento como um ato de obediência civil provocado por este isolamento social compulsório que visa reduzir a exposição pessoal e interações presenciais como medida de prevenção ao COVID-19. Um silêncio que é interrompido pelos grilos da mata em frente ao meu prédio, de um galo cantando perdido no tempo, um som longínquo de carros e caminhões em uma rodovia vista ao longe e de alguma criança brincando em outra varanda.

Hoje não coloquei música e não liguei a televisão, muito menos fui ler postagem nas redes sociais. Fiquei olhando o belo céu azul da estação enquanto o sol batia no meu rosto. Confesso que isso era uma tentativa de receber vitamina D, aumentar imunidade e me sentir mais viva.

A doença de coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada por um novo vírus. O vírus causa doenças respiratórias. Os sintomas são tosse, febre e, em casos graves, dificuldades respiratórias. Devemos nos proteger da doença lavando as mãos com frequência, evitando tocar no rosto e evitando contato próximo com pessoas que tenham os sintomas. O mundo todo determinou, por esta razão, medidas de isolamento social. Estamos, então, em tempos de uma Pandemia. E hoje é o meu 150 dia da “quarentena”.

Devemos nos proteger das pessoas e as pessoas devem se proteger de nós. Repito esta frase em voz alta: “devemos nos proteger das pessoas e as pessoas devem se proteger de nós”. Não podemos nos tocar ou tocar onde outros tocaram. Quando falamos, a nossa voz contém gotículas de saliva que podem conter o vírus, porque a nossa voz é literalmente contagiosa. Temos, assim, que usar máscaras, como em um carnaval invertido e assombrado, silencioso e triste. Abraçar é risco à saúde, beijar também.

Por outro lado, não é apenas esta cena triste que aparece. Ainda que melancolicamente, as varandas e janelas se tornaram um lugar da sociabilidade diferente, onde um pouco de arte, política e alegria nos encantam. Vejo e escuto nossos vizinhos conversando e o cheiro de comida que nunca havia sentido das cozinhas do prédio onde moro. Da Itália chegou um vídeo de uma cantora lírica que cantava de sua varanda para os vizinhos, ao lado de seu filho que tinha olhos brilhantes de alegria e orgulho pela sua mãe. Chorei



de alegria e de beleza quando o assisti. Pessoas bateram panela em manifestação contra o Presidente, gritaram e projetaram imagens nos prédios expressando sua reprovação a ele. E eu coloquei na minha varanda a minha potente caixinha de som com a canção “bella ciao” no volume máximo e dancei.

Relatos de solidariedade, de preocupação e de desejo de estarmos juntos se espalharam nas redes sociais. Temos que manter a distância, o isolamento físico, mas não o silêncio que não seja de meditação, oração e respeito. Algo faz faiscar esperança.

O COVID-19 é um vírus altamente contagioso que ataca nossas vias respiratórias e pode nos matar por sufocamento. Ler esta frase me deixou ofegante. A ofegância aumentou quando lembrei do Presidente da República do meu país, quando ele disse em um programa popular de tv, sem empatia alguma e com sua costureira inspiração necropolítica: “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida”. Ele sabe que não são alguns, são milhares que podem morrer, e a maior parte é de pobres e idosos. E essa informação vem de seu próprio Ministério da Saúde. Milhares de brasileiros e brasileiras podem morrer não apenas da doença, mas de fome, porque vivemos em sociedade altamente desigual e precária em termos ambientais, sanitários e econômicos.

Ofegante e irritada, lembrando-me também das palavras de Judith Butler, me pergunto: quais corpos têm direito de viver?

La desigualdad social y económica asegurará que el virus discrimine. El virus por sí solo no discrimina, pero los humanos seguramente lo hacemos, modelados como estamos por los poderes entrelazados del nacionalismo, el racismo, la xenofobia y el capitalismo. Es probable que en el próximo año seamos testigos de un escenario doloroso en el que algunas criaturas humanas afirmarán su derecho a vivir a expensas

de otros, volviendo a inscribir la distinción espuria entre vidas dolorosas e ingratas, es decir, aquellos quienes a toda costa serán protegidos de la muerte y esas vidas que se considera que no vale la pena que sean protegidas de la enfermedad y la muerte. (Butler, 2020: 62)

Que corpos são passíveis de respirar? Pergunto-me. Vivemos em tempo de sufocamento. E isto não é uma metáfora. O sufocamento social, econômico e político tem seu paralelo no corpo vivido e psíquico. Os efeitos em nossos corpos e em nossa sociedade da COVID-19 trazem o tema da respiração em sua urgência. Em específico, a respiração como um tema de estudos para as ciências humanas e sociais e, particularmente, para os estudos da condição humana. E é sobre a respiração, embora ofegantemente, no meio de uma pandemia, que pretendo me debruçar nas próximas linhas.

Antes volto para a varanda. E sob a beleza do sol e céu de um outono estranho, repito como um mantra: Respira! Porque, como já disse em outro ensaio, a nossa última batalha será pelo ar que respiramos.

2.

A respiração como objeto de estudos nos interpela para uma atitude de imaginação sociológica (Wright-Mills, 1975), ou seja, abre-se a um confronto entre imaginários culturais, realizações e subjetividades que busca produzir novos modos de pensamentos e de existências. Dito isto, segue que a respiração abre para uma imaginação, segundo Górska (2016), que também borra as fronteiras entre disciplinas científicas e entre ciências (biológicas e humanas), arte, política e práticas cotidianas do viver. A respiração, assim imaginada, abre rotas de fuga para novas racionalidades de imaginações coletivas e pessoais, emaranhados naturais e culturais, e também para engajamentos afetivos,



políticos e corpóreos. Portanto, a respiração é um objeto de estudos potente porque o ato de respirar articula forças de vida e morte, corpóreas e subjetivas, que não estão desconectadas das relações de poder e do conteúdo político de sua significação.

Górska (2016) citou em seu estudo o caso de Eric Garner que disse, durante um ataque policial nos EUA, as últimas palavras em vida, depois de já tê-las repetido onze vezes: “eu não posso respirar”. Garner morreu sufocado pelas mãos da polícia em 14 de julho de 2014 em uma calçada em *Staten Island* na cidade de Nova Iorque. Ele morreu sufocado pelas mãos da polícia por causa de uma suspeita (sim, uma suspeita) de uma violação que não cometeu. Eric Garner era um corpo negro, um corpo que a estrutura racista e classista da sociedade estadunidense (e também brasileira) faz de objeto da brutalidade policial, um corpo que pouco importa viver para esta sociedade.

Este caso deu origem ao movimento *Black Lives Matter*, e as últimas palavras de Garner, “eu não posso respirar”, tornou-se um slogan político. O ato de respirar se transformou, assim, em alvo de operações de análise sobre o sufocamento causado pelas normas sociais e relações de poder. Esse sufocamento tem efeitos diversos quando atuam com base nas diferentes e sistemáticas formas de discriminação e exclusão social, tais como racismo, classismo, homofobia, transfobia, sexismo e capacitismo e etc; que fazem com que que diferentes vidas importem de modo desigual e produzam, por conseguinte, diferentes impactos na respirabilidade - seja pela falta de ar, crises de pânico ou de ansiedade, doenças respiratórias, ou de sufocamento físico e assassino, como o caso de Eric Garner. É também um sufocamento físico e simbólico que atua a partir de impactos econômicos e ambientais da sociedade capitalista, tais como pobreza, fome, epidemias, desmatamento e mudanças climáticas

Como um fenômeno compartilhado por todos os seres vivos e humanos, a respiração é um potente objeto de estudo, mas que requer um olhar interseccional, porque importa quem pode e não pode respirar no contexto da dinâmica social, econômica e política deste mundo. Partimos da premissa de que os corpos são construções, não apenas materiais, físico-biológicas, também subjetivas, sociais e políticas. Portanto, é precisamente nas conexões carne, matéria, corpo, subjetividades e afetos sociais e políticos onde a análise das vulnerabilidades e precariedades da condição humana contemporânea se produz, e a fazemos aqui fundamentadas na abordagem teórico-metodológica feminista crítica sobre a respiração.

Esta abordagem recorre as teóricas feministas neomaterialistas, que focam, em suas análises, as relações desiguais de poder e propõem ferramentas e estratégias de efetivação da justiça social (Górska, 2016). Para esse fim, esta abordagem traz em seu bojo a noção da indissociabilidade das categorias analíticas das diferenças, como gênero, raça, classe, sexualidade e idade, para análise diferencial das operações e das dinâmicas das relações de poder que afetam os processos de produção de subjetividades, de discursos e de corporeidades, que fazem com que algumas vidas sejam respiráveis e outras sufocantes. A análise também se dá nos modos com os quais a vulnerabilidade e precariedade social se articulam com ações corporeais cotidianas.

Diante do que foi exposto, a proposta é a de compreender a respiração em seu conteúdo político, tendo a pandemia de COVID-19 como cena de análise. Discorrerei sobre o contexto contemporâneo e, em seguida, tecerei mapas, rotas e trilhas para saídas propriamente afetivo-políticas para a tese de que respirar é um ato político.



3.

“A sensação é de morrer afogado no seco. Você puxa o ar e não vem”. Esta declaração foi de Raymundo Rebouças, cearense, 44 anos, que conviveu com sintomas do coronavírus por quatro dias e recebeu o resultado positivo do teste para COVID-19 (Camargo, 2020). A sensação de morrer afogado no seco descrita me leva a pensar na escassez, na falta e no descaço. É puxar o ar que não vem. O ar que nos mantém vivos, nosso bem comum, a nossa sobrevivência.

É justamente nas vias respiratórias que ocorre o ataque mais letal do vírus. É uma infecção que atinge inicialmente a denominada árvore brônquica, que é constituída por um conjunto de estruturas ramificadas do pulmão que permite o ato de respirar. Quando este conjunto de estruturas ramificadas do pulmão é atingida, surgem os sintomas leves como tosse e febre. Com o tempo, não sendo curada, a doença provoca feridas no tecido do pulmão que evoluem para uma inflamação no local, comprometendo os nervos das vias aéreas. Em seguida, as unidades de troca de gás (O₂ e CO₂) são também infectadas, despejando o material inflamatório nos sacos de ar que estão no fundo do pulmão. Neste ponto, a passagem ideal de oxigênio para a corrente sanguínea é impedida e o gás carbônico não é liberado. A sensação é o do “afogamento no seco,” que pode causar morte. É quando se torna necessária a internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para fornecimento de ventilação artificial. Esta etapa acomete predominantemente as pessoas que estão nos grupos mais vulneráveis, ou seja, aquelas pessoas que tenham comorbidade e, principalmente, que sejam idosas, porque o sistema imunológico está enfraquecido e os anticorpos não respondem de modo eficiente.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o COVID-19 é resultante da infecção do novo coronavírus SARS-COV-2 (Síndrome Respiratória

Aguda Grave por Coronavírus 2) e foi identificada pela primeira vez em humanos em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Embora os sintomas sejam considerados semelhantes aos da gripe, a doença pode evoluir para uma forma infecção respiratória aguda grave com pneumonia e exigir cuidados intensivos. Com o aumento da infecção no mundo, o seu alto grau de contágio e, consequentemente, a letalidade provocada pelas condições de saúde do paciente e, principalmente, pela intensa sobrecarga do sistema de saúde, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou o estado de Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e no dia 11 de março foi declarada pandemia.

As vias de transmissão da COVID-19 não foram totalmente identificadas, mas uma já está estabelecida, ou seja, que a transmissão acontece de pessoa a pessoa quando gotículas são espalhadas pela pessoa infetada por meio da tosse e espirro, e depois alcançam as mucosas da boca, nariz ou olhos das pessoas que estão próximas. Outra via de contágio da COVID-19 pode ser através do contato direto das mãos com superfícies ou objetos atingidos com o SARS-COV-2 e, posteriormente, estas mãos terem contato com a boca, nariz ou olhos.

Para além das informações e recomendações específicas médicas, há o fato que a COVID-19 pode se tornar mais letal nas regiões pobres do planeta e para as pessoas economicamente e sanitariamente mais vulneráveis, como é o caso de grande parte do Brasil. Um dos legados da batalha do COVID-19 será o da obviedade da afirmação de que o combate pela saúde das populações passa pela luta por justiça social e pela luta contra as políticas neoliberais. Uma conclusão já há muito tempo ressaltada, mas que se torna recorrente nas notícias e ensaios que temos lido em dias de isolamento físico e de quarentena.

A atual pandemia expande esse argumento: a globalização capitalista parece agora



biologicamente insustentável na ausência de uma verdadeira infra-estrutura de saúde pública internacional. Mas tal infraestrutura nunca existirá enquanto os movimentos populares não quebrarem o poder da indústria farmacêutica e dos cuidados de saúde com fins lucrativos. (Davis, 2020: 12)

É sabido que a indústria farmacêutica praticamente não tem interesse em pesquisas sobre doenças infecciosas porque raramente ela investe em prevenção ou na preparação para uma crise de saúde pública. É sabido que a doença é sua fonte de lucro porque o que elas procuram é o lucro pela venda da cura. Como afirmou Harvey (2020), este é um modelo de negócio aplicado à oferta de saúde pública que elimina a capacidade de resposta que seria necessária em caso de emergência. Assim, a pandemia nos remete, portanto, aos estudos epidemiológicos que foram feitos em décadas anteriores e que já indicavam catástrofes pan e epidêmicas, mas que foram negligenciados pelos governantes. E no meio da pandemia do COVID-19, vejo esta negligência sendo explicitada nos discursos produzidos pela mídia, agentes de saúde e poder público, mas que por muito tempo também já foi assinada pelas populações mais pobres nos corredores e leitos dos hospitais quando exigiam respeito e saúde pública de qualidade.

Os impactos econômicos e sociais são filtrados através de discriminações “costumeiras” que estão evidentes em todos os lugares. Para começar, a força de trabalho que se espera que cuide dos números crescentes de doentes é tipicamente altamente sexista, racializada e etnizada na maioria das partes do mundo. Ela reflete a força de trabalho baseada na classe que se encontra, por exemplo, em aeroportos e outros setores logísticos. (Harvey, 2020: 18)

Neste momento, a pandemia atinge o sistema inteiro da sociedade, que revela-se precário para lidar

com a emergência imposta, “forçando os prestadores de cuidados a separar os pacientes de acordo com a sua expectativa de sobrevivência... e idade. Como os cirurgiões fazem em tempo de guerra nos hospitais de campanha, na retaguarda da linha de frente!” (Harvey, 2020: 18).

Não é por acaso que foi aprovado no Brasil um orçamento paralelo durante a pandemia do COVID-19, denominado de “Orçamento de Guerra”, e vemos a rapidez de hospitais de campanha sendo construídos no mundo todo. Estamos em uma guerra contra um agente invisível, um vírus, que tem nos revelado, por trás dele, o que já há tempos é bem visível e negligenciado, o nosso verdadeiro inimigo: o descaso político-econômico das sociedades neoliberais com a desigualdade e a injustiça social, com a distribuição de renda, com a imprudência do consumismo desenfreado e com as mudanças climáticas, com a falta de saneamento básico e com o meio ambiente, com a violência racista, xenófoba e sexista que se expressa como uma demanda emergencial de saúde pública.

A sociedade neoliberal, por meio do capital, modifica as condições ambientais de sua própria reprodução, mas o faz num contexto de consequências não intencionais (como as mudanças climáticas) e contra as forças evolutivas autônomas e independentes que estão perpetuamente remodelando as condições ambientais. Deste ponto de vista, não existe um verdadeiro desastre natural. Os vírus mudam o tempo todo. Mas as circunstâncias nas quais uma mutação se torna uma ameaça à vida dependem das ações humanas. (Harvey, 2020: 22)

Uma das provas demonstrada pela pandemia da COVID-19 é que a saúde é um bem público. É uma pandemia que ressalta também que a saúde dos corpos de cada pessoa do planeta depende da ação política do Estado e que, particularmente, é necessário



desenvolver um sistema de assistência social eficiente e uma política de saúde pública que promova os meios necessários e suficientes (humanos, materiais, financeiros) para a população (BIHR, 2020).

Partindo destas análises, a COVID-19 nos interpela para os limites do capitalismo, como bem discorreu Butler (2020), e para um debate sobre quais vidas são qualificáveis como vidas passíveis de serem vidas, quais corpos importam ou quais corpos são passíveis de respiração ou do respirar. É nesse sentido que se pergunta: Quando hospitais de campanha são construídos para combater a pandemia que nos acomete agora, quais corpos serão escolhidos para viver? Quando faltarem leitos nos hospitais, quais corpos morrerão nas ruas?

São perguntas que nos trazem para a dimensão ética da pandemia. São milhares de pessoas no mundo que estão morrendo porque a doença não as deixa mais respirar. São mortes por sufocamento real que dizem muito sobre a violenta e sufocante estrutura social que construímos até aqui.

Neste período, no estado de Minas Gerais foi registrado um aumento de mais de 800% no número de mortes por doenças respiratórias, quando comparado ao mesmo período do ano passado. Os dados são baseados em registros de certidões de óbito lançados pelos cartórios no estado, que são casos suspeitos de COVID-19, mas que não foram testados. Esta realidade se multiplica pelo país, onde há escassez de testes para a COVID-19. Há também falta de equipamentos adequados de segurança para profissionais de saúde e de respiradores. E em pronunciamento oficial em cadeia nacional, o Presidente da República disse de modo desdenhoso que o vírus não passa de uma “gripezinha” que “só mata” idosos e pessoas com condições preexistentes.

Tenho que dizer. Não é uma “gripezinha”, é puxar um ar que não vem. Mas, quem tem o direito de respirar?

4.

“Fique em casa” para os que têm casa é uma ordem, um imperativo de sobrevivência. Casa é a pontuação da frase da vida neste mundo acelerado, desigual, contaminado, poluído e ansioso. Para Clarice Lispector, a pontuação é a respiração da frase. Posso concluir que o imperativo de ficar em casa nestes tempos de COVID-19 é a pontuação do mundo para que ele continue respirando. Puxar o ar e vir poesia, puxar o ar e vir utopias, porque o mundo como está não é justo. Façamos um poema, abramos a janela, olhemos as estrelas. Quem pode respirar?

Quem faz um poema abre uma janela.

*Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.*

Por isso é que os poemas têm ritmo

- para que possas profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado.

Mario Quintana

Façamos um poema, abramos a janela, olhemos as estrelas. Na “Estética do Desastre”, Han (2019) retoma Immanuel Kant para dizer que o céu estrelado se encontra na interioridade da razão e que “desastre” é uma palavra que significa “sem estrelas”. No céu não há desastre. Ainda que não vejamos estrelas ou que pareça um céu *des-astrado*, no céu não há desastre. Isso é tão poético: o céu estrelado se estica para dentro de nós.

Mas aquele céu *des-estrelado* na sua aparência é vazio de ar, e torna-se, assim, um acontecimento também de beleza. Han (2020) também cita o poeta Rainer Maria Rilke quando diz que o belo é o insuportável que ainda estamos suportando, aquilo que nos protege do terrível. O céu sem estrelas é o desastre que revela a sua grandeza e infinitude, e nos aranca de nossa interioridade, da nossa complacência, do egoísmo, da passividade, e, paradoxalmente, nos joga para a ética da criação, da ação, da alegria, nos



joga para o encontro com o outro e com o mundo. É *poiesis* em estado bruto. No céu se faz poema, é respirar, é salvamento do afogado.

Neste ponto retomo os argumentos feministas já ditos há décadas, o de que natureza, política, tecnologia e cultura não estão separados, mas, pelo contrário, estão imbricados na produção de discursos e práticas reguladoras e normatizadoras de corpos e vidas, que promovem o desastre das exclusões sociais, da vida de corpos precários, e de tantas mortes e sofrimentos psíquico decorrentes.

Neste desastre, o corpo-materialidade reclama seu lugar de análise, a sua potência. É a carne como ontologia. Vejamos: um vírus atinge nossos pulmões e pode nos impedir de respirar. Respiradores artificiais são demandados, e não há suficientes para todos. Sabemos já quem não terá seu direito de respirar. Não é novidade. Não há novidades nas injustiças que a COVID-19 revela aos povos e ao mundo. São, sobretudo, as pessoas mais velhas, pobres e famintas, indígenas, pessoas LGBTQIA expulsas de casa, mulheres violentadas dentro de casa pelos seus companheiros, e predominantemente de países mais pobres, que terão que se virar novamente sozinhas quando o vírus tocar seus corpos e tirarem mais uma vez o seu ar. Já vimos a cena de corpos nas ruas em uma cidade do Equador contaminados pela COVID-19 à espera de um lugar para enterrá-los e de alguém para chorá-los. Butler já disse:

[...] todos dan testimonio de la rapidez con la que la desigualdad radical, que incluye el nacionalismo, la supremacía blanca, la violencia contra las mujeres, las personas queer y trans, y la explotación capitalista encuentran formas de reproducir y fortalecer su poderes dentro de las zonas pandémicas. Esto no debería sorprendernos (Butler, 2020: 60).

Nada de novo sob o Sol, são as velhas desigualdades e ganâncias de um mundo capitalista neoliberal. A novidade é que um céu *des-astrado* está agora sobre todas as cabeças. O que faremos agora? O que faremos depois?

Respirar não tem uma função apenas corpórea. Respirar define o falar, o cantar, o gritar, o sorrir e o chorar. Respirar nos permite nos conectar com o mundo e com os outros. Expirar e inspirar é movimento de vida, é pulsação de vida. O ar da respiração inspira arte e poesia e nos religa com nossa humanidade. Não é apenas uma função corpórea, porque respirar é culturalmente e socialmente vital - é o que nos mantém vivos como corpos biológicos, políticos e culturais. Os pulmões estão relacionados com as emoções. São os pulmões o alvo principal e mais letal da (2020: 60). E é da nossa expiração de onde são gerados os bioaerosóis que transmitem a SARS-COV-2 e, assim, a nossa linguagem se contamina de vírus.

Portanto, a gestão da Pandemia tem sido baseada no isolamento social, e nossas falas, cantos, gritos, risadas e choros deverão ficar escondidos por detrás de máscaras e das telas de computadores e *smartphones*. Mas o que farão os grupos e povos que já vem sendo precarizados pelas políticas sociais de países subdesenvolvidos afetados pelas políticas neoliberais? Esperarão, como Godot, ao menos, uma ação lenta e descuidada do Estado? Farão o isolamento social para depois morrerem em hospitais superlotados e sem respiradores?

Galindo (2020) em tom provocador sugere ao seu povo boliviano a desobediência civil para sobreviver, e a busca na própria comunidade das suas formas de resistência à Pandemia. É se alimentar de suas próprias dietas e remédios ancestrais, fortalecendo o corpo e a imunidade, para que, deste modo, a doença ou a morte os pegue cantando, se abraçando e se alegrando juntos, e não com o medo e obediência



aos que não os cuidam e os exploram. Enfim, que a Pandemia de COVID-19 os pegue respirando.

Me viene a la mente Nosferatu que en una inolvidable escena, cuando ya la muerte es inminente y la peste encarnada en ratas ha invadido todo el pueblo, se sientan tod@s en una gran mesa en la plaza a compartir un banquete colectivo de resistencia. Así que nos encuentre el coronavirus, listas para el contagio. (Galindo, 2020: 127)

Posso entender esta provocação de Galindo como um aviso. Um aviso de resistência a necropolítica que nos acomete e se revela durante tempos de COVID-19. Convoca ao cuidado com nosso corpo, nossa respiração e nossa vida em comunidade, que se dão pelo gesto e pela palavra em uma rede tecida artesanalmente com memórias e suspiros, com afeto, arte e alegria. É a relação comunidade e imunidade, como tão bem lembrou Preciado(2020) a partir dos escritos do filósofo italiano Roberto Espósito sobre a proposta que chamou de *paradigma de imunização*, que o faz concluir:

La curación y el cuidado sólo pueden surgir de un proceso de transformación política. Sanarnos a nosotros mismos como sociedad significaría inventar una nueva comunidad más allá de las políticas de identidad y la frontera con las que hasta ahora hemos producido la soberanía, pero también más allá de la reducción de la vida a su biovigilancia cibernética. Seguir con vida, mantenernos vivo como planeta, frente al virus, pero también frente a lo que pueda suceder, significa poner en marcha formas estructurales de cooperación planetaria. Como el virus muta, si queremos resistir a la sumisión, nosotros también debemos mutar. Es necesario pasar de una mutación forzada a una mutación deliberada. (Preciado, 2020: 184)

Uma nova comunidade é proposta. Uma nova comunidade que não reduza a vida em fronteiras e identidades que produzem um poder soberano que imuniza algumas pessoas da destruição mútua e que a outras tornam passíveis de exclusão, destruição e morte. É vida comunitária planetária cooperativa que se requer urgentemente. É, por conseguinte, desejo e ação deliberativa de mudança radical. Sim, é engendrar utopias que nos movem para a necessidade de transformação, que é apenas possível pela potência criativa de novos modos de existência e vidas mais solidárias, radicalmente democráticas e justas.

Este processo requer afetos alegres e não tristes, comunitários e coletivos, afirmativos de diferenças e da potência revolucionária dos encontros das diferenças, que combatem a alienação, a desumanização e a subalternização, que levam ao silenciamento, a invisibilidade, ao adoecimento e destruição de corpos dissonantes, colonizados e excluídos. É algo que há tempos os povos originários de nossa terra tem nos anunciado com resistência, luta e danças.

“Eu não posso respirar”, disse Garner enquanto morria sufocado pelas mãos da polícia nos EUA por ser negro em um país racista. “Eu não posso respirar” deve ter dito alguma pessoa contagiada pelo COVID-19 nas ruas de uma cidade do Equador porque não tinha leito no sistema público de saúde e nem aparelho de respiração artificial, uma das consequências das políticas neoliberais de seu governo. “Eu não posso respirar” como um grito que rompe o silêncio que o sufocamento social, econômico e político impõe.

Como escreveu belamente Górska,

“Eu não posso respirar” como modos diferentes e específicos de viver, de morrer e de lutar contra a dinâmica de relações de poder que são interseccionais. [...] Uma luta por alguma coisa - por respirar, pela possibilidade, por mudança.



Quais vidas importam? Pânico, sufocamento, coração batendo, congelando. [...] “Eu não posso respirar” como indivíduo e coletivo interseccionalmente situados. “Eu não posso respirar” como divergência. Inevitabilidade existencial. Necessidade política. (Górska, 2016: 17)

Em um texto inspirador a poeta estadunidense, ativista e lésbica, Audre Lorde (2019) nos clama a transformarmos nosso silenciamento em linguagem e em ação. Em momentos de adoecimento e medo da morte, a consciência da finitude de nossa existência nos surpreende. É quando pensamos em nossas prioridades, sobre o que desejamos e queremos para a vida, e também sobre o que não queremos mais repetir. E para Lorde, é o silêncio -medo que provoca o calar-se- que é o que não pode mais se repetir. Assim, diz para as mulheres (e grupos subalternizados), com precisão, que o silêncio não nos protege. O silêncio não nos protegerá das Pandemias de agora e do porvir. Façamos barulho nas janelas e varandas. O medo do desprezo, o medo da censura, o medo do sufocamento, o medo da aniquilação, que têm nos deixado em silêncio, não nos protegem, apenas nos jogam no campo da invisibilidade, como corpos abjetos, que não tem o direito a respiração. Falar é respirar, já foi dito.

Seguindo o que Audre Lorde está nos dizendo, falar é nos tornar visíveis e, portanto, seres respiráveis. É certo que a visibilidade nos torna mais vulneráveis, mas como ela mesmo diz: “A visibilidade que nos torna mais vulneráveis é a fonte de nossa maior força” (Lorde, 2019: 54).

Falar, encontrar a palavra própria, é respiração, é pulsação de vida. A comunidade se constitui porque compartilhamos de uma mesma linguagem e porque nos reconciliamos com “o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós” (Lorde, 2019: 54). Estamos no vasto Planeta Terra e somos frágeis e mortais, o que nos dá o sentido do respirar? Talvez seja a palavra que nos une como comunidade-imunidade que nosso corpo precisa para viver, para morrer, para sobreviver e para continuar a nossa história. Não são as nossas diferenças que nos separam, mas os nossos silêncios, disse Lorde (2019).

A linguagem é um vírus contagiante que constitui o sentido da comunidade como resistência, fundada na palavra própria, na visibilidade de nossos corpos em suas diferenças, nas memórias ancestrais e na riqueza poética de nossas vidas. Isto afeta nosso corpo, nossa saúde, os nossos encontros, o meio ambiente e a beleza do viver. A linguagem é um vírus que nos leva para um outro mundo possível, que nos move como uma dança, um mundo onde puxamos o ar que não vem porque o que vêm são utopias.



Referências Bibliográficas

- BIHR, A. (2020). França: pela socialização do aparato de saúde. In M. Davis et al. 1a. ed. (pp. 25-30) *Coronavírus e a Luta de Classes*. Terra sem Amos: Brasil.
- BUTLER, J. (2020). El capitalismo tiene sus límites. In G. Agambem et al. *Sopa de Wuhan- Pensamiento Contemporaneo en tiempo de Pandemias*. 1a. ed. (pp.59-66) Buenos Aires: Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio).
- CÂMARA, B. (2020, 25 de março). *A sensação de morrer afogado no seco, diz cearense internado com coronavirus há 6 dias*. Recuperado de <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/03/25/a-sensacao-e-de-morrer-afogado-no-seco-diz-cearense-internado-com-coronavirus-ha-6-dias.ghtml>
- DAVIS, M. (2020). A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In M. DAVIS et al. *Coronavírus e a Luta de Classes*. 1a. ed. (pp. 5-12) Terra sem Amos: Brasil, p. 5-12.
- GALINDO, M. (2020). Desobediencia, por tu culpa voy a sobrevivir. In G. Agambem et al *Sopa de Wuhan- Pensamiento Contemporaneo en tiempo de Pandemias*. 1a. ed. (119-128) Buenos Aires: Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio).
- GÓRSKA, M. (2016). *Breathing Matters: Feminist Intersectional Politics of Vulnerability*. (1a ed.) Linköping: LiU-Tryck.
- HAN, Byung-Chul. (2019). *A Salvação do Belo* (1aed.) Petrópolis: Editora Vozes.
- HARVEY, D. (2020). Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In M. Davis et al. *Coronavírus e a Luta de Classes*. 1a. ed. (pp.13-24) Terra sem Amos: Brasil.
- LORDE, A (2019). *Irmã Outsider*. (1a. ed.) Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- PRECIADO, P. (2020). Aprendiendo del virus. In G. Agambem et al. *Sopa de Wuhan- Pensamiento Contemporaneo en tiempo de Pandemias*. 1a. ed. (pp. 164-185) Buenos Aires: Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio).
- WRIGHT-MILLS, C. (1975). *A imaginação Sociológica*. (4a. ed.) Rio de Janeiro: Zahar Editora.

